

## **HERÓIS BASTARDOS: reflexões sobre a convivência social através do conceito de literatura engajada em Sartre**

**Fernanda Alt Fróes Garcia (mestranda Psicologia Social/UERJ)**

[fernandaalt@terra.com.br](mailto:fernandaalt@terra.com.br)

**Ariane Ewald (Psicologia Social/UERJ)**

**Eixo temático: Ética, violências e direitos humanos.**

Em meio a uma convulsão de idéias e pontos de vista tão díspares, é comum, e confortável, olharmos para o mundo de maneira maniqueísta. Como não admite nuances, o maniqueísmo reduz, e às vezes suprime, o esforço do pensar reflexivo e crítico sobre as situações que vivemos cotidianamente. Esta forma simplista de lidar com o mundo e com os outros, tem se tornado significativa em várias questões sociais como a da pena de morte, a eutanásia, o aborto, a maioria penal, a loucura. A motivação deste trabalho nasceu do cenário cotidiano registrado nos jornais, nos quais a expressão da resolução dos problemas sociais é atravessada pela maneira maniqueísta de olhar o mundo, inserindo o mal no Outro, negando parcialmente, ou mesmo totalmente, as contradições inerentes ao humano. Tendo o ângulo da literatura engajada de Jean-Paul Sartre como ponto de apoio para este debate, este trabalho objetiva discutir o estabelecimento de um discurso maniqueísta sobre as questões sociais no cenário da nossa contemporaneidade. Para isto, utilizo os personagens criados na literatura sartriana, apoiados na sua psicossociologia, que são caracterizados como “anti-heróis”, procurando apontar a relação entre seus “heróis bastardos” e este pensar maniqueísta que se tem observado.

Ao criar romances e peças de teatro, Sartre procurou transformar a literatura em ato e desta forma atingir o social e modificar seu meio. Buscava realmente um encontro com um público mais vasto para pôr em questão temas comuns a todos, expressando suas reflexões através da própria criação das situações vividas pelos personagens. Desta forma, considerava o ato de escrever sempre intencional e político onde o escritor engajava toda a sua pessoa, mostrava suas escolhas e era sempre responsável por elas. De acordo com

Denis (2002) a emergência do existencialismo sartriano está intimamente ligada ao humor de libertação do pós-guerra e também às ambigüidades do período, como diz o autor: “liberdade, responsabilidade, angústia e inquietude (...) correspondiam perfeitamente à experiência vivida da guerra e da Ocupação” (p.268-9). Neste contexto, Sartre desejava ressaltar e aprofundar as estreitas relações entre literatura e política, o que permitia estabelecer uma união entre:

(...) a positividade de um discurso político e ideológico proferido com clareza e a negatividade própria da literatura, quer dizer, a sua capacidade de fazer aparecer a contradição que jaz no coração das representações instituídas, pronta a subverter a positividade da palavra socializada. (DENIS, 2002, p.278).

A criação dos personagens é feita a partir desta intenção, visando atingir o público que com eles se identificam e buscam justificativas para própria existência. Na obra sartriana, vemos com frequência personagens que não possuem qualidades nobres dos heróis tradicionais, eles fraquejam, se acorvadam e mentem a si mesmos. Além disso, há também uma constante presença de “chefes”, ou “homens de bem”, “Honestos”, “Justos”, que são criados pelo autor de forma irônica e crítica para contrastar com aqueles que Jeanson (1987), chama de bastardos, ou traidores. Estes são os que se sentem “sobrando” no mundo, para usar uma expressão do próprio Sartre. Hugo, personagem da peça *As Mãos Sujas* diz: “Eu não fui feito para viver (...). Sou demais porque não tenho meu lugar no mundo...” (SARTRE, 1972, p.139). Podemos encontrar este tipo de expressão também em *A Prostituta Respeitosa*, peça que fala da discriminação racial nos Estados Unidos, nos personagens da prostituta e do negro. Ambos, considerados invisíveis sociais, se vêem enredados em um mal entendido que envolve um branco “importante” e mostram-se perdidos por não conseguirem achar saídas para a situação na qual estão envolvidos. Lizzie, a prostituta, é a única testemunha da cena onde dois negros foram vítimas do poder dos brancos, um deles foi assassinado e o outro conseguiu fugir e é procurado como culpado do crime. Ela sabe que o responsável pelo crime foi Tomás, um dos brancos da cena, e os conhecidos deste a convencem a falar ao juiz uma outra versão da história. Diz o Senador à Lizzie:

**Senador:** Estou falando em nome da nação americana. (...) – de que serve esse negro que você protege? Ele nasceu ao léu, Deus sabe onde. Eu o alimentei, e ele em troca, que faz por mim? Nada. Absolutamente nada. Vagabundeia, espreguiça-se, canta, veste roupas verdes e cor-de-rosa. Ele é meu filho e eu o amo tanto quanto aos outros. Mas pergunto: leva ele uma vida de homem? Eu nem sequer perceberei sua morte.

**Lizzie:** Como o senhor fala bem.

**Senador:** O outro, ao contrário, esse Tomáz, ele matou um negro, no que fez mal. Porém, eu necessito dele. É um americano cem por cento, pertence a uma de nossas famílias mais antigas, fez seus estudos em Harvard, é oficial e eu preciso de oficiais. Dá emprego a dois mil operários na sua usina, dois mil desocupados se ele morrer, ele é um líder, um baluarte contra o comunismo, o sindicalismo e os judeus. Ele tem o dever de continuar vivendo e você de conservar-lhe a vida. É tudo. Agora escolha  
(SARTRE, 1966, p.56).

Para Jeanson (1987) a dificuldade da escolha de Lizzie se encontra no fato de que ela mesma acaba convencida da visão daqueles que se colocam ao lado do Bem e do Direito. O negro e ela passam a se ver com olhar deste outro e a acreditar que não tem direito algum no mundo e que sua existência merece apenas ser tolerada. Sartre (1966) expressa essa visão mais adiante na peça, onde o negro tem uma chance de atirar nos brancos para não se render apenas, e ele não o faz porque respeita os brancos em sua condição.

Deste modo, Sartre traz para “palco” social “heróis bastardos” e traidores que “sobram” no mundo, oferecendo-nos assim uma outra perspectiva, pois pela literatura somos obrigados a entrar no mundo do outro, e, ao menos por um momento, compreendê-lo. Quando imaginamos o outro em sua interioridade, admitimos que assim como nós, ele é também uma consciência transcendente que não se resume à um simples atributo, ou seja, vemos que aquele outro também tem dúvidas, tristezas, planos e frustrações em seu projeto. Pela via desta compreensão estabelece-se uma relação de reciprocidade, diferentemente daquelas que pressupõem uma visão de pura exterioridade, isto é, quando enxergamos o outro como um objeto que pode ser usado, classificado, e até previsto. Sendo assim, a literatura pode funcionar como um veículo importante para que possamos *imaginar o outro*, pois através dela podemos ver uma mesma história pelo ângulo da interioridade e da

subjetividade. Sartre buscou utilizar este recurso intencional, não só através de personagens fictícios, mas também com pessoas reais como o escritor Jean Genet.

A história deste escritor foi intensamente analisada por Sartre (2002), e representou uma crítica aos condicionamentos sociais da época e suas influências na vida de uma pessoa. A obscura trajetória de Genet pode ser resumida assim: ele nasceu em Paris em 1910, seu pai era desconhecido e foi abandonado pela mãe em um orfanato. Foi adotado por uma família camponesa do interior da França, que o surpreendeu roubando em várias ocasiões enviando-o a um reformatório. Após alguns anos nesta instituição, escapou e incorporou-se à Legião Estrangeira, da qual desertou. Durante toda a vida andou errante pela Europa, como vagabundo e ladrão e passou por prisões de vários países. Sartre coloca que, no momento em que foi pego roubando, Genet se deu conta pela primeira vez do objeto que era frente ao olhar do outro; um objeto desprezado por todos, e ele próprio passa a se confundir com esse olhar tornando-se aquilo que fazem dele: “Sob esse olhar o menino volta a si. Ainda não era ninguém; subitamente, torna-se Jean Genet”. (2002, p.29).

Segundo Sartre (2005), o Outro faz parte de nosso modo de ser, como aquele que me revela aquilo que sou *para ele*, daí sua importância. Certos aspectos nossos só podem ser aprendidos pela objetividade que somos para o outro e tais aspectos são também constituintes de nosso modo de ser, como diz o filósofo: “o outro não apenas revelou-me o que sou: constituiu-me em novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas”.(p.290). Além disso, preciso me diferenciar do outro, por saber que ele não sou eu, para que possa me definir enquanto existente; o que faz de mim a síntese desta intersubjetividade *eu-outro* que sinto constantemente a cada instante em que o Outro “me olha”. Este momento é tão importante para a teoria sartriana, que poderíamos até arriscar dizer que é uma de suas chaves fundamentais, pois para o filósofo “o olhar é, antes de tudo, um intermediário que remete de mim a mim mesmo” (2005, p.334). O olhar do outro, para Sartre, nos transforma profundamente, pois somos arrancados de nossa interioridade quando nos damos conta de que *somos vistos*. A maneira pela qual apareço para o outro sempre me escapa e faz parte de uma consciência que é para mim inacessível, e não posso ser indiferente a ela visto que por ela sou situado objetivamente no mundo. Portanto, sou também esse ser que aparece para o outro, e assim vivo a experiência de ser objeto de seu olhar, que é livre, pois o que sou para ele nunca pode ser, por mim, previsto. Decorrente

disto surge o inferno sartriano: a batalhas de consciências que caracteriza o conflito das relações humanas, onde efetuamos a rotulação de subjetividades, através de olhares que, como o da medusa, transformam o outro em pedra.

Esta profunda transformação decorrente do fato de ser visto teve sua expressão máxima em Genet, que passa a definir, pela experiência de seu *ser visto*, seu projeto existencial. A importância do efeito do rótulo público em um indivíduo foi também analisada e ressaltada pelo sociólogo Howard Becker (1977) em seu estudo sobre “marginais e desviantes”. Segundo o autor, ser rotulado publicamente como desviante constitui em um fator crucial para manter um padrão neste tipo de comportamento, pois tal situação implica em conseqüências na identidade pública do indivíduo, levando-o a mudanças em relação aos seus grupos sociais. O indivíduo rotulado passa a um novo *status* social e isso modifica sua interação com o meio, ele passa então a moldar-se pelo olhar dos outros, caracterizando uma espécie de profecia auto-realizadora. Para este autor, é importante saber quem faz as regras e para quem, para entender o que é considerado desviante, pois um desvio só poder ser definido como tal de acordo com uma relação, ou seja, ele não é uma qualidade que exista no próprio comportamento, mas sim na interação entre a pessoa que comete o ato e aqueles que respondem a ela. Na visão de Sartre, este processo corresponde à objetivação da subjetividade decorrente do “ser olhado pelo outro”, do Outro como absoluto, sendo que, ao falarmos de uma criança, este Outro é ainda mais poderoso frente à ínfima certeza que possa ter de si. Para Sartre, no caso de Genet, esta foi sua metamorfose, no sentido kafkiano, quando a criança que era aos poucos se transformou em um bicho horrível para os outros:

Genet fica sabendo o que ele é, objetivamente. É essa passagem que vai determinar a sua vida inteira. (...) Genet é um ladrão: essa é a sua verdade, a sua essência eterna. E, se ele é ladrão, conseqüentemente, é preciso que ele o seja sempre, em todo lugar, não só quando rouba, mas também quando come, quando dorme, quando beija sua mãe adotiva. Cada um dos seus gestos o trai, revela à luz do dia sua natureza infecta; a qualquer momento, o professor pode interromper o ditado, olhar Genet nos olhos e exclamar com voz forte: “Este aqui é um ladrão” Em vão ele pensaria merecer indulgência confessando as faltas, dominando a perversidade dos seus instintos; todos os movimentos do seu coração são igualmente culpados, porque todos expressam igualmente a sua essência. (SARTRE, 2002, p.30).

A vida de Genet se caracterizou pelo desprezo social e seu movimento foi um eterno retorno às instituições, reformatórios, prisões, lugares aos quais pertenceu desde o nascimento. Porém, ao fazer poesia e tornar-se escritor, expressou que mesmo diante de tais condições encontrou um meio de fazer-se liberdade, uma solução de “desesperado”. Segundo Laing & Cooper (1972), através de Genet, Sartre tenta mostrar que **a realidade concreta da vida de um homem só pode ser entendida mediante a uma consideração da dialética da liberdade atuante em condições materiais**. Isto quer dizer que a liberdade deve ser compreendida em situação, e mais ainda, ao compreender este projeto em particular podemos entender as ambigüidades pertencentes à condição de ser liberdade. Por isso, compreender Genet significa aceitar a condição comum a todos nós: o “mal” não está fora, ele faz parte de nós. Há, portanto, para Sartre (2002), uma função em eleger um “bode expiatório” na tentativa de projetar essa negatividade, nossa falta de ser, em algo, ou alguém. Assim, existe uma função de utilidade social de um rótulo, ou seja, há um aspecto tranqüilizador em descobrir onde “o Mal” está, o que, segundo, Jeanson (1987), por um efeito de contraste, nos “santifica” aos nossos próprios olhos. Se tomarmos como exemplo o caso de Genet como o mal encarnado, ou seja, a maldade em carne, vemos que ele foi visto como a representação de toda essa projeção social e seus atos e comportamentos eram atribuídos como inerentes ao seu caráter. Caso possamos compreender, ao invés de explicar, uma pessoa “má”, isso nos levaria a admitir a possibilidade de também o ser, pois se assumo que sou liberdade como ele, sou também ambíguo, portanto.

Este aspecto recai nas questões levantadas por Sartre <sup>1</sup> no que diz respeito a um pensar ético baseado na aceitação da liberdade do homem ambíguo. A negação da ambigüidade pressupõe a negação da própria condição humana, pois o ser do homem inclui positividade (ser pleno; concreto) e negação. Isto significa que ao identificarmos no homem somente seu aspecto positivo, suprimimos o principal diferencial do seu modo de ser – a sua falta de ser. O homem é um ser que coloca a si próprio em questão (ser para-si), e isto significa que há uma distância de si fundamental, diferentemente do ser em-si (ser das coisas materiais) que existe em uma total coincidência consigo mesmo. Para Beauvoir (2005), as morais tradicionais, idealistas e materialistas, suprimiam a condição ambígua do

---

<sup>1</sup> Ver: REIMÃO, C. Terceira parte: Ética. In: **Consciência, dialética e ética em Jean-Paul Sartre**. 2005, p.369.

homem por valorizar ora a natureza ora o espírito. Mas já Hegel salientava que a condição do homem é justamente a inquietude do espírito, fato que a autora expressa da seguinte maneira:

(...) a cada instante a verdade vem à luz: a verdade da vida e da morte, de minha solidão e de minha ligação com o mundo, de minha liberdade e de minha servidão, da insignificância e da soberana importância de cada homem e de todos os homens (...). Uma vez que não logramos escapar à verdade, tentemos, pois olhá-la de frente. Tentemos assumir nossa fundamental ambigüidade.

(BEAUVOIR, 2005, p.15).

O que é necessário, portanto, é assumir a ambigüidade, o que é equivalente à aceitação da condição de liberdade. Na visão sartriana, **a liberdade é esta indeterminação que tem origem na falta de ser**, no que o filósofo chama de *Nada*. Desta forma, não é possível falar de uma essência prévia do existente, o que descarta a idéia de natureza humana, mas sim de uma condição humana onde a existência precede a essência. De acordo com Silva (2007), na tradição filosófica do conhecimento, buscava-se primeiramente conhecer a essência de algum objeto, para depois entender a existência como o campo de manifestação das qualidades que o definem. Para este autor, esta visão acarreta no determinismo do ser, onde todas as suas manifestações se reduzem ao que ele essencialmente é. Sendo assim, seria possível conhecer a essência de uma pessoa para identificar ou até prever seus comportamentos. Também Becker (1977) expôs uma crítica a esta visão, aos mostrar que há uma busca constante de supostas causas dos comportamentos desviantes inerentes à personalidade daqueles que os cometem, tais características tornariam assim necessário ou inevitável que estes agissem desta determinada maneira. O autor segue dizendo que a sociedade aceita os rótulos de desviantes como dado e esquece que estes fazem parte de um grupo que faz o julgamento e que constrói as regras. Para Sartre, tal exemplo se enquadra em uma tentativa de determinar o que o ser é, como essência dada, suprimindo assim a sua falta de ser, a sua liberdade. Frente a isso, Silva ressalta:

É de extrema importância notar que indeterminação e ausência são as vias de compreensão da existência, porque isso significa que a realidade humana deve ser abordada muito mais na perspectiva da *negatividade* do que pelas determinações afirmativas de seus possíveis atributos. E há uma razão para isso: visto que o ser humano é processo de existir e não essência dada, ele se caracteriza muito mais pela mudança do que pela permanência; interessa compreender não o que o homem é (porque, precisamente ele não é *nada* antes do processo existencial), mas o que ele se torna no percurso da existência. (2007, p.56).

Diante de tais condições o único dever de homem é tornar-se Ser, mas sem se identificar totalmente com nenhum atributo, daí a dificuldade de seu projeto, de sua “paixão inútil”. O homem age, portanto, para dar sentido a si e ao mundo e o valor nasce justamente das escolhas realizadas na ação. Sendo assim, o valor como dado absoluto foi contestado por Sartre na sua visão moral, ao dizer que os sistemas de valores *apriorísticos* constituem uma moral fundada no imperativo, fonte de alienação do homem, pois torna suas possibilidades condicionadas e suas ações, conseqüentemente, repetitivas. Quando a ação perde o seu caráter criativo e transformador, expressão máxima da liberdade autêntica, o homem torna-se alienado e não age para modificar a situação objetiva na qual está inserido, suas ações resultam em uma “prática-inerte” e o futuro dos possíveis torna-se um futuro-passado. Eis aqui uma questão fundamental no pensamento sartriano: o caráter transcendente do homem não pode ser entendido sem a facticidade de sua situação, a sua liberdade se faz sobre um fundo de mundo contingente, sem o qual cairíamos no puro idealismo. Desta forma, Sartre propõe uma moral da ação e da mudança, e nos mostra o perigo de uma eterna repetição da “moral dos bons costumes”, pois, para ele, “os *bons* costumes: nunca são bons porque são costumes” (SARTRE *apud* REIMÃO, 2005, p.420).

Podemos entender agora que na visão sartriana o maniqueísmo seria uma forma de suprimir toda a problemática levantada pela moral da ambigüidade e da liberdade. Ao tentar dar ao mundo uma visão estática separando o Bem do Mal, e tentar identificar, na convivência cotidiana, quem está de que lado.

Atualmente, não é difícil encontrar atitudes não muito distantes das analisadas por Becker (1977) e Sartre (2002) através de Genet, como por exemplo, o debate sobre a maioria penal. Em carta recente ao jornal *O globo*, um leitor expressou que considera os



menores infratores “sociopatas perigosíssimos” e acima de tudo “irrecuperáveis”. Isto nos leva a questionar a facilidade com que se distribuem rótulos, e nos remete diretamente às questões até aqui levantadas. Além disso, vimos que literatura engajada de Sartre, assim como outras, podem continuar a nos ajudar na compressão da questão ao invés de simples classificação. Ao identificarmos que há um aspecto confortador em localizar e rotular o mal no outro, devemos estar atentos aos nossos próprios movimentos e assim questionar as classificações sociais já estabelecidas, visando uma aproximação com o outro ao invés de aumentar a distância existente. Ao perseguir o objetivo sartriano de estudar o “abstrato concretamente”, este estudo se abastece da filosofia existencial para entender e questionar o mundo em que hoje vivemos e criamos.

## **Referências Bibliográficas:**

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambigüidade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BECKER, H.S. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

REIMÃO, C. **Consciência, dialética e ética em Jean-Paul Sartre.** Lisboa; Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

DENIS, B. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. São Paulo: Edusc, 2002.

JEANSON, Francis. **Sartre.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

LAINING, R. D; COOPER, D. G. **Razón y violencia:** una década de pensamiento sartreano. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972. 39 v.

SARTRE, J-P. **Saint Genet:** ator e mártir. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_ **As mãos sujas.** [s.l.]: Europa-américa, 1972.

\_\_\_\_\_ **A prostituta respeitosa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_ **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, F L. Liberdade em Sartre: somos livres para nos tornarmos livres. **Mente, Cérebro & Filosofia:** fundamentos para a compreensão contemporânea da psique, São Paulo, n. 5, p.55-61, jul. 2007.

